

CONSUMO DE ELETRICIDADE ESTÁVEL EM JULHO

Mercado: Destaques

- ◆ Consumo **INDUSTRIAL** estável em julho: dos 10 ramos da indústria que mais demandaram energia elétrica da rede em julho, 7 deles exibiram desempenho positivo, sendo os maiores avanços observados nos setores extrativo (+9,8%) e automotivo (+5,0%). Por regiões do país, houve alta no Sul (+3,5%), Norte (+2,4%) e Centro-Oeste (+1,5%), e queda no Nordeste (-5,5%) e Sudeste (-0,2%);
- ◆ Sinais de melhora que começam a surgir na economia, sobretudo no que diz respeito ao orçamento das famílias, embora ainda não se reflitam no desempenho das classes **RESIDENCIAL** e **COMERCIAL**. Na comparação mensal, o consumo residencial se manteve praticamente sem variação e, no ano, cresceu apenas 0,6%. O consumo comercial, por sua vez, foi 0,5% menor que o de julho de 2016 devido aos resultados do Norte (-3,8%), Nordeste (-1,5%) e Sudeste (-0,5%). No Sul, o consumo comercial cresceu 1,5%.

Condicionantes Econômicos

Atividade. O indicador de produção industrial física do IBGE (PIM-PF) de junho indica um pequeno crescimento de 0,5% em relação ao mês em 2016. O comércio varejista (PMC/IBGE) apresentou crescimento de 3,0% neste tipo de comparação, terceira taxa positiva consecutiva. O volume de serviços (PMS/IBGE) caiu 3,0%, configurando a 27ª taxa negativa seguida desse indicador. Cabe mencionar que junho teve um dia útil a menos (21) em relação a 2016. Para julho, o índice de evolução da produção da Sondagem Industrial (CNI) apresentou crescimento suave, ficando em 50,5 p.p., enquanto o Indicador de Atividade do Comércio da Serasa Experian, que apresenta boa correlação com a PMC, mostrou estabilidade (0,1%) contra julho de 2016.

Mercado de trabalho. Houve criação de 35,9 mil vagas de emprego formal em julho, com destaque para a indústria de transformação e o comércio, onde foram criados 12,6 e 10,2 mil vagas, respectivamente. A agropecuária manteve o resultado positivo com criação de 7,1 mil vagas. Com relação à taxa de desocupação, segundo a PNADC/IBGE, houve queda de 0,3 p.p. na margem, no trimestre móvel encerrado em junho.

Comércio Exterior. O saldo da balança comercial brasileira apresentou mais um resultado elevado em julho, de U\$ 6,3 bilhões (MDIC). O bom desempenho das *commodities* agrícolas e minerais continua sendo o fator mais relevante para o aumento das exportações em relação a julho de 2016. Porém, na margem, a queda gradual dos preços de *commodities* agrícolas e a recuperação das importações de bens intermediários reduziram o saldo em 12% sobre o mês anterior (Funcex). O início da retomada da atividade ainda não puxou a importação de bens de capital, uma vez que ainda persiste uma intensa capacidade ociosa na indústria.

Crédito. Conforme o Banco Central, as concessões de crédito na série dessazonalizada caíram 0,2% em relação a julho de 2016. Nos recursos livres houve aumento de 8,4% para pessoas físicas, ainda que com queda de -1,4% na margem, enquanto que para pessoas jurídicas, as concessões caíram 5,5% e 22,1% na margem. Embora as taxas de juros médias dessas operações tenham se reduzido, houve interrupção na tendência de queda na margem, passando de 63,4% para 63,8% para pessoas físicas e de 24,8% para 25,3% para pessoas jurídicas.

Síntese

O consumo de energia elétrica na rede totalizou 37.084 GWh em julho, volume 0,1% abaixo do nível registrado nesse mês no ano passado.

Enquanto Norte (-0,7%) e Nordeste (-2,4%) registraram queda no consumo em julho, Sul (+1,4%), Sudeste (+0,3%) e Centro-Oeste (+0,1%) assinalaram taxas positivas em relação ao mesmo mês do ano passado. No acumulado em 12 meses, o consumo nacional de energia variou -0,2%.

O mercado cativo das distribuidoras exibiu redução de 6,9% em julho e de 6,5% em 12 meses. Já o consumo livre aumentou 17,4% no mês e 18,3% em 12 meses.

Em relação ao número de unidades consumidoras de eletricidade no país, a expansão foi de 2,1% em julho.

Veja também nesta edição:

Estabilidade do consumo industrial em julho	2
Consumo residencial sem variação	3
Comércio com queda de 0,5% em julho	3
Projeção de consumo para os próximos 5 anos	4
Estatísticas do consumo de eletricidade	6

Estabilidade do consumo industrial em julho

Em agosto de 2017, o consumo **INDUSTRIAL*** de eletricidade foi de 13.953 GWh, estável frente ao mesmo mês de 2016, situação análoga ao do indicador do acumulado do ano e do acumulado dos últimos 12 meses.

Desde abril/17, a demanda de energia das indústrias no acumulado dos últimos 12 meses se manteve estável em relação ao mesmo período do ano anterior, após taxas cada vez menos negativas a partir de maio/16. Como mostra a correlação entre as curvas do *gráfico 1*, essa parece ser a tendência de trajetória (até o momento) das taxas do acumulado dos últimos 12 meses da produção industrial divulgada pela pesquisa mensal PIM-PF do IBGE, que permaneceu em queda (-1,9%) em junho/17, porém, mais moderada que as dos meses anteriores. Ajudada por um efeito estatístico de base baixa em 2015 e 2016, a série de taxas do acumulado dos últimos 12 meses da produção industrial deixou de cair em julho/16, evoluindo de maneira lenta e gradual.

Este quadro se representou nos indicadores industriais de julho, que apontaram comportamentos distintos. Dentre aqueles que se mantiveram desfavoráveis no mês, se encontram, a elevada ociosidade (em torno de

26%) do parque produtivo (FGV/IBRE); a queda (-10,5%) nas vendas internas de cimento (SNIC) e o recuo (-4,3%) da demanda por crédito das indústrias (SERASA EXPERIAN).

Em outro sentido, entre alguns dos sinais positivos de julho, estão a criação de cerca de 12,6 mil vagas formais de trabalho na indústria de transformação (CAGED/MTE); o aumento de 2,6% nas vendas de papelão ondulado (ABPO); o declínio no número de recuperações judiciais (-26,3%) e falências (-16,9%) requeridas (SERASA EXPERIAN) pelas empresas (inclusive indústrias) e o progresso de 12,6% no *quantum* das importações do país (MDIC) em julho, em especial dos bens semi (+25,0%) e manufaturados (+19,3%).

O desempenho do consumo dos 10 principais segmentos da indústria em julho/17 está exibido no *gráfico 2* abaixo.

A demanda de eletricidade do ramo extrativo cresceu 9,8% no mês, liderada pela extração de minério de ferro em Minas Gerais (+8,2%) e no Pará (+12,2%). Os avanços da Bahia (+42,5%) e de Goiás (+28,9%) no setor em julho estão relacionados à metalurgia dos metais não-ferrosos e foram beneficiados pela base baixa de 2016. Estes resultados

contribuíram com as vendas externas do país de minérios de ferro (+3,5%) e de cobre (+68,7%) e seus concentrados no mês (MDIC). Já no Espírito Santo (+3,2%), se sobressaiu a pelletização de minério de ferro.

O ramo automotivo anotou aumento no consumo de 5,0% em julho. No Nordeste (+19,9%), os maiores progressos foram na Bahia (+23,3%) e em Pernambuco (+21,0%). Ao passo que São Paulo (+1,9%) e Rio de Janeiro (+32,0%) se destacaram no Sudeste (+2,2%), Rio Grande do Sul (+16,0%) e Paraná (+8,5%) puxaram a evolução no Sul (+10,0%). O setor vem demonstrando uma recuperação entre os segmentos industriais, refletida pelo acréscimo (+17,9%) da produção de veículos automotores no mês, com aumentos nas exportações (+42,5%) e nos licenciamentos (+1,7%).

A evolução de 3,5% na demanda de energia do ramo têxtil em julho foi puxada pelo Sul (+6,0%), em função do avanço das atividades de preparação e fiação de fibras de algodão e da produção de tecidos de malha em Santa Catarina (+6,0%), além das atividades paranaenses (+14,8%) de preparação e fiação de fibras de algodão e de fabricação de tecidos especiais. A preparação e fiação de fibras

de algodão em Minas Gerais (+3,8%) se notabilizou no Sudeste (+3,3%) em julho, embora o aumento do consumo paulista (+2,8%) no setor também tenha colaborado para a performance da região no mês. No Nordeste (+2,2%), o crescimento da Bahia (+24,4%) em julho está associado à preparação e fiação de fibras de algodão e à tecelagem de fios de fibras sintéticas.

O setor alimentício sinalizou avanço na demanda de eletricidade de 3,5% em julho. No Sul (+6,2%), o progresso do Paraná (+7,5%) se deu em razão do abate de aves e suínos, da fabricação de ração para animais e da moagem de trigo e fabricação de seus derivados; no Rio Grande do Sul (+5,0%), o aumento no consumo está ligado, principalmente, ao beneficiamento de arroz e à fabricação de óleos vegetais; já em Santa Catarina (+5,1%), evoluiu o consumo no abate de aves e pequenos animais, na fabricação de banha, preparados de carne e produtos de salsicharia e na indústria de laticínios. No Centro-Oeste (+6,7%), o abate e produção de carne bovina, suínos e aves em Goiás (+4,2%), o esmagamento de grãos e a fabricação de óleos vegetais no Mato Grosso (+9,8%) e o abate e frigorificação de bovinos e suínos no Mato Grosso do Sul (+10,1%) foram os destaques no mês.

Por sua vez, o ramo metalúrgico (-2,4%) registrou em julho a terceira retração consecutiva. Enquanto no Sudeste (-1,5%), o setor foi influenciado pelas ferroligas em Minas Gerais (-5,1%) e pela siderurgia no Rio de Janeiro (-8,7%), na região Nordeste (-23,2%) impactaram no consumo do mês a siderurgia do Maranhão (-9,3%) e do Ceará (-83,0%), onde planta siderúrgica que possui autoprodução demandou menos energia da rede em julho em relação ao mesmo mês de 2016, quando estava em início de operação.

Entre as regiões, o consumo de energia elétrica de julho do Sudeste (-0,2%) e do Nordeste (-5,5%) foram os menores para o mês na série monitorada pela EPE desde 2004. ■

Gráfico 1. Produção Física Industrial IBGE e Consumo Industrial EPE 2016-2017 (até junho).
Séries de taxas do acumulado dos últimos 12 meses.

Fonte: Pesquisa PIM-PF IBGE (Produção Física) e EPE/COPAM (Consumo de Energia).

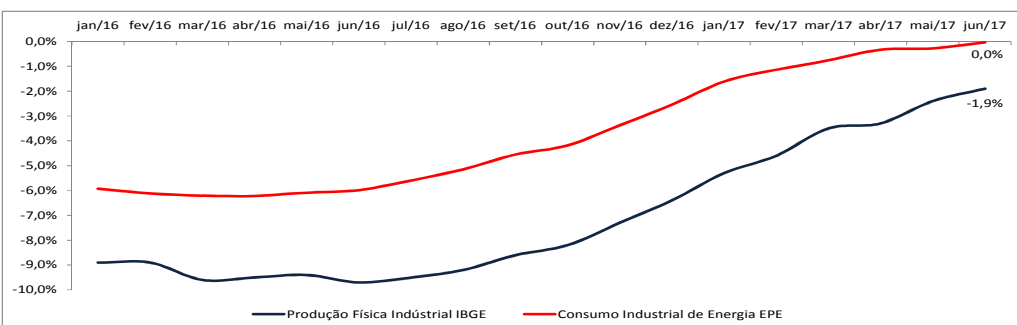
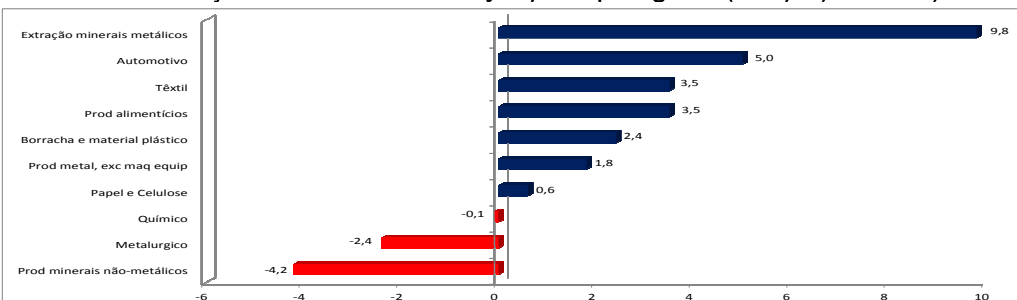


Gráfico 2. Brasil: Variação do consumo industrial em julho/2017 por segmento (Δ%17/16). Fonte: EPE/COPAM.



* consumo via rede elétrica. Não inclui autoprodução.

Consumo residencial sem variação

O consumo de 10.389 GWh registrado em julho apresentou um comportamento estável da classe **RESIDENCIAL** em relação ao mesmo mês do ano passado (+0,1%).

Deve-se salientar que não houve influência climática significativa no mês de modo a contribuir para o aumento do consumo.

Apesar da redução das taxas de inflação e de desemprego, bem como da liberação da renda extraordinária proveniente do saldo das contas inativas do FGTS,* que significou certo alívio sobre o orçamento doméstico, não se observa até agora no consumo residencial de eletricidade rebatimento consistente desses sinais positivos que começam a surgir na economia: o consumo na classe no ano cresceu apenas 0,6% em relação a 2016.

Em julho, observou-se aumento do consumo somente no Sudeste (1,8%). Na região, apenas o Rio de Janeiro realizou resultado negativo (-3,5%), afetado, porém, pelo ciclo de faturamento comparativamente menor

ao ano passado, sem este efeito a taxa no estado seria em torno de 2%.

A queda no consumo foi mais acentuada na região Norte (-3,7%), provocada principalmente por Pará (-6,6%) e Amazonas (-6,6%), os dois maiores mercados da região.

No Sul (-1,9%), Santa Catarina (-4,2%) e Rio Grande do Sul (-5,4%) registraram taxas negativas. No entanto, o ajuste do ciclo de faturamento em Santa Catarina, que se realizou em menor número de dias que no ano anterior, levaria à reversão do resultado do mês no estado para crescimento de cerca de 2%.

No Nordeste (-0,8%), entre os maiores mercados, que juntos respondem 70% do consumo regional, houve crescimento no consumo apenas no Maranhão (2,4%); na Bahia (-0,7%), Pernambuco (-3,4%) e Ceará (-0,2%) registrou-se queda. Observando-se que, em Pernambuco, diferentemente dos outros estados, a taxa de desemprego avançou no segundo trimestre, de acordo

com a PNADC trimestral/IBGE.

Entre os mercados do Centro-Oeste (-0,6%), o desempenho foi distinto, enquanto o consumo cresceu no Mato Grosso (6,7%) e no Mato Grosso do Sul (7,8%), foi reduzido em Goiás (-4,9%) e Distrito Federal (-5,2%). Mato Grosso do Sul e Mato Grosso têm conseguido bom desempenho, crescendo em torno de 3,5% no ano, apesar disso o consumo médio nas residências desses estados ainda encontra-se em patamar inferior ao de 2016, respectivamente -0,8% e -3,3%, assim como em Goiás (-3,4%) e no Distrito Federal (-4,3%). ■

* O percentual de famílias que declararam dificuldade para pagar as contas em atraso passou de 9,9% em março para 9,4% em julho (dados da PEIC/CNC). Os recursos do FGTS podem também ter estimulado as vendas de eletrodomésticos, que apresentaram crescimento em torno de 17% nos dois últimos meses (maio e junho).

Comércio com queda de 0,5% em julho

O volume de eletricidade consumido pela classe **COMERCIAL** no mês de julho alcançou 6.653 GWh, nível -0,5% menor que o registrado nesse mês em 2016.

Dentre as variáveis de influência no consumo de eletricidade da classe, ilustram-se as variações nas vendas no comércio e nos serviços de acordo com as pesquisas mensais divulgadas pelo IBGE (gráfico 3), as quais apresentaram idênticas taxas em módulo, porém em sentidos opostos. Esses movimentos contrários podem, eventualmente, acabar por tornarem nulas as variações no consumo de eletricidade.

Sob o aspecto das condições climáticas, as variações das temperaturas em relação às médias históricas do mês de julho não foram relevantes na oscilação do consumo de eletricidade. No Sul, onde o frio do inverno requer aquecimento nos ambientes, as temperaturas foram levemente superiores, porém o consumo não se reduziu. No restante do país as temperaturas variaram levemente dentro da mesma faixa de conforto térmico, não determinando maiores requisitos para refrigeração.

Por outro lado, grandes consumidores da classe como *shopping centers* e hotéis, têm implementado ações de eficiência energética como a substituição de equipamentos por outros com consumo bastante inferior, a exemplo da troca de lâmpadas fluores-

centes por outras de LED. A disseminação dessas práticas impacta diretamente a demanda de eletricidade e sinaliza uma possível mudança estrutural nos padrões de consumo.

Especificamente em relação às regiões do país, apenas no Sul foi registrado pequeno crescimento, 1,5%, resultado esse devido aos desempenhos de Santa Catarina (2,7%) e Paraná (2,5%), que superaram a redução verificada no Rio Grande do Sul (-0,6%).

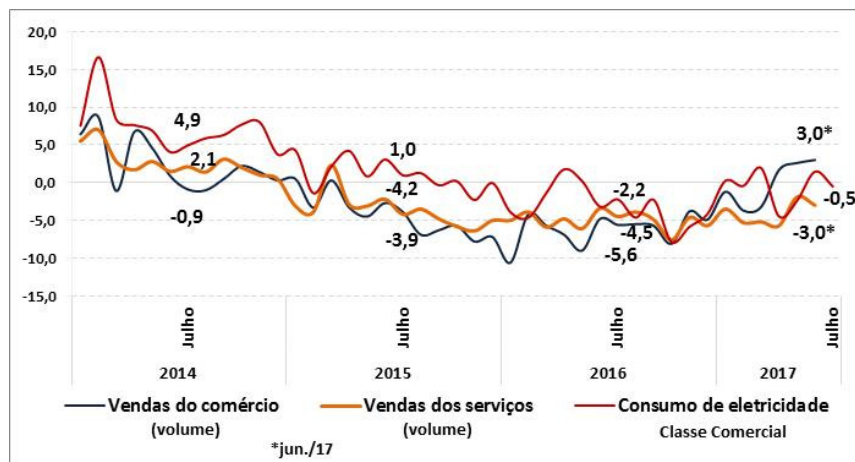
No Centro Oeste não houve variação, pois ainda que tenham ocorrido altas nos estados do Mato Grosso do Sul (7,3%) e do Mato Grosso (4,3%), caíram os consumos no Distrito Federal (-3,6%) e em Goiás (-3,0%).

A região Norte apresentou a maior redução (-3,8%), para a qual foram especialmente importantes as retrações no Amazonas (-6,5%) e no Pará (-4,3%).

No Nordeste (-1,5%), contribuíram para a queda todos os estados, sendo que em Sergipe houve a maior redução (-4,0%).

Por fim, no Sudeste, onde foram consumidos 52,5% do total da eletricidade na classe comercial no mês de julho, a expansão em Minas Gerais (3,0%) e em São Paulo (0,2%) foram insuficientes para compensar as reduções de -4,3% no Rio de Janeiro e de -1,6% no Espírito Santo, os quais determinaram a variação de -0,5% na região. ■

Gráfico 3. Brasil: Variação no consumo de eletricidade e volume de vendas de comércio e serviços. (% em relação à igual mês do ano anterior)



PROJEÇÃO DE CONSUMO PARA OS PRÓXIMOS 5 ANOS EXPECTATIVA DE CRESCIMENTO DE 0,7% PARA 2017

No final do mês de julho, a EPE, conjuntamente com o ONS e a CCEE, divulgaram os principais resultados das previsões de carga do Sistema Interligado Nacional (SIN), para o período 2017-2021, no âmbito da 2ª Revisão Quadrimestral (2ª RQ). Tais resultados correspondem a atualização da 1ª Revisão Quadrimestral (1ª RQ) divulgada em maio de 2017, em virtude dos dados realizados de mercado e carga até então. Pretende-se aqui apresentar os principais destaques relativos à correspondente projeção do mercado de energia elétrica.

Em relação ao cenário econômico, foi mantido o mesmo considerado na 1ª Revisão Quadrimestral, ainda que se considere que seja necessário um maior esforço para se alcançar tais taxas de crescimento. No entanto, o resultado de PIB do 1º trimestre fortemente concentrado no setor agropecuário fez com que houvesse uma revisão nas taxas esperadas para os macrossetores da economia.

Brasil. Projeção anual do crescimento do PIB (%)

	2017	2018	2019	2020	2021
PIB	0,5%	2,0%	2,1%	2,7%	2,8%

A incerteza econômica ainda se reflete nos fracos resultados da formação bruta de capital fixo bem como no consumo das famílias, este último influenciado pela elevada taxa de desemprego. No entanto, espera-se que, no curto prazo, a redução da taxa de juros que vem sendo possibilitada pelo processo de desinflação, bem como o excesso de capacidade ociosa contribuam para a retomada da economia. Porém, é importante destacar que para que haja um crescimento mais significativo é necessário um volume maior de investimentos, sobretudo em setores que tenham potencial de aumentar a produtividade da economia.

Embora o cenário econômico não tenha se alterado, a projeção do consumo de eletricidade na rede foi ajustada para baixo, de forma a refletir os desvios negativos observados entre os valores previstos na 1ª RQ e os realizados nos últimos meses, como apresentado na tabela abaixo. Vale notar que o resultado positivo do mês de março apoia-se na evolução do consumo na baixa tensão, como consequência das altas temperaturas registradas nos subsistemas Sudeste/Centro-Oeste e Sul naquele mês.

Brasil. Consumo de energia elétrica 2017 (Realizado x 1ªRQ)

Valores em GWh – Fonte: EPE

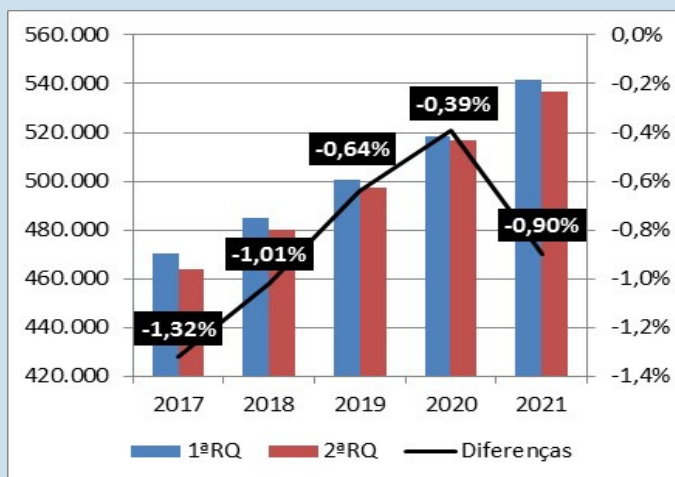
	Mar	Abr	Mai	Jun	Jan-Jun
Previsão	39.360	39.592	38.617	38.035	233.505
Realizado	40.372	39.167	37.964	37.816	233.221
Δ%	2,6%	-1,1%	-1,7%	-0,6%	-0,1%

Para a indústria, espera-se um melhor desempenho dos setores de siderurgia e alumínio, sobretudo em função da retomada gradual do nível de utilização de algumas plantas deste segmento de forma antecipada à prevista na 1ª RQ.

Com isso, as diferenças entre as projeções realizadas na 1ª e 2ª RQ apresentam, em média, redução de 0,8% na perspectiva do consumo na rede elétrica para os próximos 5 anos (gráfico). Ainda assim, na projeção atual espera-se um crescimento do consumo de eletricidade no Brasil de 0,7% em 2017, em relação a 2016.

Brasil. Consumo de energia elétrica. 2ª RQ x 1ª RQ

Valores em GWh – Fonte: EPE



As classes Comercial e Outros são as que mais se expandem entre 2017 e 2021. A classe Outros contém na sua composição a parcela Rural, cujo aumento do consumo de eletricidade, sobretudo para irrigação, deve se dar pela intensificação da dinâmica do setor agropecuário esperada para os próximos anos. Já para o setor Comercial, espera-se que o consumo de energia reflita a melhoria esperada no desempenho do setor de serviços, além de aumento no volume de vendas. Nas residências, a expansão do consumo prevista esta calcada, majoritariamente, no acréscimo médio anual das 1,5 mil novas unidades consumidoras. Com relação à classe industrial, vale notar que a previsão atual apresenta maior otimismo no final do quinquênio, sobretudo para os segmentos de alumínio e siderurgia.

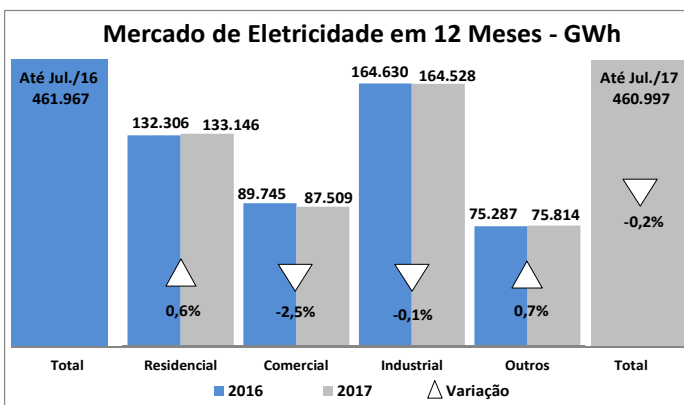
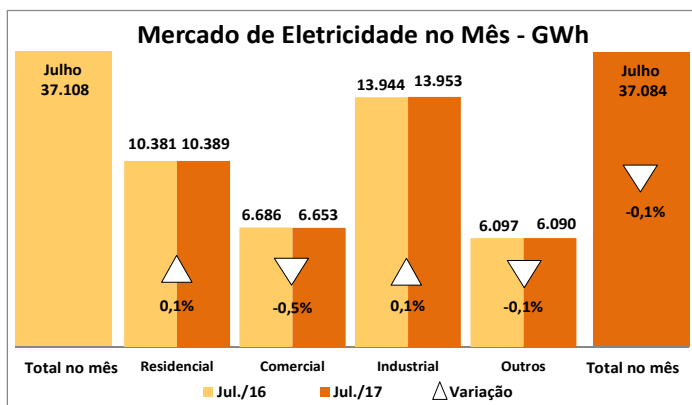
Brasil. Consumo de energia elétrica 2017-2021 (2ªRQ)

Valores em GWh – Fonte: EPE

Classe	2017	2021	Δ% ao ano*
Indústrias	165.167	188.587	3,4%
Residências	134.946	156.874	3,8%
Comércio & Serv.	87.643	102.262	3,9%
Outras classes	76.450	89.234	3,9%
TOTAL BRASIL	464.206	536.957	3,7%

* Considerando 2017 como base.

Estatísticas do Consumo de Energia Elétrica



	CONSUMO CATIVO			CONSUMO LIVRE		
	TWh	Δ %		TWh	Δ %	
Julho	24,9	-6,9	▼	12,2	17,4	▲
12 meses	323,3	-6,5	▼	137,7	18,3	▲

Fonte: Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica - COPAM/EPE. Dados preliminares.



REGIÃO/CLASSE	EM JULHO			ATÉ JULHO			12 MESES		
	2017	2016	%	2017	2016	%	2017	2016	%
BRASIL	37.084	37.108	-0,1	269.630	269.460	0,1	460.997	461.967	-0,2
RESIDENCIAL	10.389	10.381	0,1	78.482	78.208	0,4	133.146	132.306	0,6
INDUSTRIAL	13.953	13.944	0,1	95.195	95.223	0,0	164.528	164.630	-0,1
COMERCIAL	6.653	6.686	-0,5	51.868	52.233	-0,7	87.509	89.745	-2,5
OUTROS	6.090	6.097	-0,1	44.084	43.796	0,7	75.814	75.287	0,7
CONSUMO TOTAL POR SUBSISTEMA									
SISTEMAS ISOLADOS	229	231	-0,9	1.612	1.678	-3,9	2.877	2.971	-3,2
NORTE	2.902	2.935	-1,1	19.503	19.649	-0,7	34.287	34.385	-0,3
NORDESTE	5.762	5.912	-2,5	42.000	42.509	-1,2	72.796	72.809	0,0
SUDESTE/C. OESTE	21.462	21.394	0,3	156.629	156.781	-0,1	267.932	270.112	-0,8
SUL	6.729	6.635	1,4	49.886	48.843	2,1	83.106	81.691	1,7
REGIÕES GEOGRÁFICAS									
NORTE	2.871	2.891	-0,7	19.376	19.483	-0,5	33.964	34.216	-0,7
RESIDENCIAL	767	797	-3,7	5.241	5.335	-1,8	9.382	9.527	-1,5
INDUSTRIAL	1.319	1.288	2,4	8.772	8.690	1,0	15.124	15.005	0,8
COMERCIAL	405	421	-3,8	2.760	2.833	-2,6	4.836	5.052	-4,3
OUTROS	379	386	-1,7	2.603	2.625	-0,8	4.623	4.632	-0,2
NORDESTE	6.320	6.474	-2,4	45.786	46.375	-1,3	79.557	79.543	0,0
RESIDENCIAL	2.085	2.101	-0,8	15.756	15.685	0,5	26.981	26.445	2,0
INDUSTRIAL	1.894	2.005	-5,5	12.774	13.586	-6,0	22.513	23.471	-4,1
COMERCIAL	1.093	1.110	-1,5	8.255	8.293	-0,5	14.284	14.221	0,4
OUTROS	1.248	1.258	-0,8	9.001	8.810	2,2	15.779	15.405	2,4
SUDESTE	18.347	18.294	0,3	134.382	134.660	-0,2	229.692	231.252	-0,7
RESIDENCIAL	5.028	4.937	1,8	38.338	38.265	0,2	64.869	64.684	0,3
INDUSTRIAL	7.317	7.328	-0,2	50.213	50.225	0,0	86.965	86.968	0,0
COMERCIAL	3.491	3.507	-0,5	27.730	28.027	-1,1	46.576	48.237	-3,4
OUTROS	2.511	2.521	-0,4	18.101	18.142	-0,2	31.282	31.363	-0,3
SUL	6.729	6.635	1,4	49.886	48.843	2,1	83.106	81.691	1,7
RESIDENCIAL	1.673	1.705	-1,9	12.696	12.535	1,3	20.875	20.542	1,6
INDUSTRIAL	2.672	2.583	3,5	18.395	17.661	4,2	31.281	30.449	2,7
COMERCIAL	1.115	1.099	1,5	8.890	8.886	0,0	14.621	14.884	-1,8
OUTROS	1.268	1.248	1,6	9.905	9.761	1,5	16.329	15.816	3,2
CENTRO-OESTE	2.817	2.813	0,1	20.199	20.099	0,5	34.679	35.266	-1,7
RESIDENCIAL	835	840	-0,6	6.451	6.387	1,0	11.040	11.107	-0,6
INDUSTRIAL	751	740	1,5	5.041	5.061	-0,4	8.645	8.738	-1,1
COMERCIAL	549	549	0,0	4.233	4.193	1,0	7.191	7.350	-2,2
OUTROS	683	684	-0,2	4.474	4.458	0,4	7.802	8.071	-3,3

A EPE se exime de quaisquer responsabilidades sobre decisões ou deliberações tomadas com base no uso das informações contidas nesta Resenha, assim como pelo uso indevido dessas informações.

Para mais informações sobre o mercado de energia: copam@epe.gov.br

Coordenação Geral

Luiz Augusto Nobrega Barroso

Ricardo Gorini de Oliveira

Coordenação Executiva

Jeferson B. Soares

Comunicação e Imprensa

Maura Cruz Xerfan

Equipe Técnica

Aline Moreira Gomes

Allex Yujhi Gomes Yukizaki

Arnaldo dos Santos Junior

Carla C. Lopes Achão (coordenação técnica)

Isabela de Almeida Oliveira

João M. Schneider de Mello

Lidiane de Almeida Modesto

Marcia Andreassy

Nathália Thaisa Calazans (estagiária)

Simone Saviolo Rocha

Thiago Toneli Chagas

Para obter as séries históricas de consumo mensal, acesse a seção **Economia e Mercado Energético** no endereço eletrônico: <http://www.epe.gov.br>